

Glareola pratincola Perdiz-do-mar

Taxonomia:

Família: *Glareolidae*.

Espécie: *Glareola pratincola* (Linnaeus 1766).

Código da Espécie : A135

Estatuto de Conservação:

Global (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).

Nacional (Cabral *et al.* 2005): VU (Vulnerável).

Espanha (Madroño *et al.* 2004): VU (Vulnerável).

SPEC (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).

Protecção legal:

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei n.º 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II

Fenologia: Nidificante estival.

Distribuição:

Global: Esta espécie migratória, inverte na zona subsaariana desde o Senegal à Etiópia (Cramp & Simmons 1983), ocupando igualmente a costa leste africana. Nidifica na zona circum-mediterrânica e leste europeu, estendendo-se no seu limite de distribuição a alguns países do centro-sul asiático (e.g. Casaquistão, Irão e Paquistão) (Dolz 1994).

Nacional: Em Portugal ocorre de uma forma descontínua e essencialmente a Sul do Tejo. É normalmente pouco abundante, podendo ser comum em alguns locais com condições de habitat favoráveis.

Tendência Populacional:

Após uma fase de declínio generalizado na Europa, nos últimos 10 anos a sua abundância na Europa Ocidental tem permanecido estável, ao contrário das populações da Europa de Leste que continuam em declínio (Wetlands International 2002).

Em Portugal não tem havido monitorização nos últimos 10 anos que permita avaliar a tendência populacional.

Abundância:

É normalmente pouco abundante, podendo ser comum em alguns locais com condições de habitat favoráveis. No território nacional nidificam pelo menos 7% da população ibérica (Farrobo 1996) que, sem incluir a população russa (para a qual não existem dados precisos), representa aproximadamente 70% do efectivo europeu de Perdiz-do-mar (Calvo 1994b).

Dados de 1985 a 1995 permitiram estimar a população nacional em aproximadamente 315 a 550 casais, distribuídos por cerca de 33 colónias (Farrobo & Leitão 1997).

Refira-se a ocorrência de variações populacionais que podem ser devidas à grande especialização em relação aos locais de nidificação e à elevada sensibilidade às alterações climáticas (Sola *et al.* 1997, Marti *et al.* 2003).

Requisitos ecológicos:

Habitat: Esta ave colonial nidifica em habitats com características particulares, nomeadamente: (i) zonas abertas, de vegetação rasteira escassa a ausente; (ii) locais planos ou de inclinação mínima; (iii) terrenos secos, mas sempre localizados em áreas associadas a sistemas estuarinos, lacustres ou ripícolas e portanto com grande disponibilidade em insectos (Calvo 1994b). A título de exemplo referem-se pastagens baixas, pousios ou alqueives, terrenos lavrados, ilhas ou margens semi-desérticas de açudes/albufeiras, zonas de sapal com lamas secas com nível freático a 28 cm abaixo do solo (segundo Dolz 1989 *in* Calvo 1994b), salgados e também câmaras de salinas.

Na sua alimentação, para além dos habitats anteriormente descritos, frequenta também arrozais (Farinha & Costa 1999) que pela sua maior disponibilidade em insectos se apresentam como boas áreas de alimentação. Segundo Cramp & Simmons (1983) os arrozais podem ser também locais preferenciais para a espécie no período pré-migratório.

Alimentação: A Perdiz-do-mar alimenta-se principalmente de insectos que captura sobretudo em voo a baixa altitude, na proximidade das colónias, em pastagens, arrozais, caniçais e outras zonas aquáticas abertas.

A dieta é essencialmente constituída por Coleópteros e Ortópteros, embora estejam presentes outros grupos como Dípteros, Hemípteros, Himenópteros, Lepidópteros, Isópteros, entre outros (Cramp & Simmons 1983).

Sendo uma espécie tipicamente gregária alimenta-se muitas vezes em bandos, mais activamente no amanhecer e entardecer.

Reprodução: O período de reprodução inicia-se com a chegada dos primeiros indivíduos a Portugal no final de Março / princípio de Abril, podendo as primeiras posturas ocorrer logo na primeira semana de Abril. A época reprodutiva decorre até finais de Junho, quando termina a fase de dependência das crias em relação aos progenitores. A migração pós-nupcial dá-se entre os últimos dias de Julho, para prosseguir entre Agosto e Setembro, sendo que em Outubro podem ainda ser observados alguns indivíduos isolados (Sola *et al.* 1997). A Perdiz-do-mar faz apenas uma postura por época de reprodução, procedendo à sua reposição em caso de perda da primeira (Cramp & Simmons 1983). O ninho, com pouco ou nenhum revestimento, é uma ligeira depressão no solo onde são postos geralmente 2 ou 3 ovos miméticos, incubados pelos dois membros do casal (Calvo 1994b). Casal monogâmico, possivelmente de duração sazonal, em que ambos os progenitores cuidam das crias precoces e nidifugas (Cramp & Simmons 1983). Frequentemente, a posição da colónia é constante de ano para ano.

Ameaças:

Em áreas predominantemente agrícolas a Perdiz-do-mar selecciona como habitats de nidificação terrenos agricultados, os quais são durante a nidificação e criação alvo de lavoura, rega, pulverização, e outras **práticas decorrentes do uso agrícola**. Estas actividades, sobretudo em regimes de intensificação agrícola, perturbam a população, diminuem a disponibilidade alimentar e afectam o sucesso reprodutivo, podendo mesmo destruir as posturas.

A **utilização inadequada de produtos fitossanitários** para controlo de insectos, base da dieta de *Glareola pratincola*, contribui para a diminuição da disponibilidade alimentar.

A **perda de habitat** de nidificação favorável por **drenagem de zonas húmidas**, o que provoca a redução das áreas potenciais de instalação de colónias em sapal, bem como das áreas de alimentação (e.g. caniçais e juncais).

Estudos efectuados sobre a biologia de reprodução da Perdiz-do-mar destacam a grande vulnerabilidade desta espécie a predadores, relacionando parte do insucesso reprodutor com a **predação** de ovos e pintos por rapinas, corvídeos, cães e ratazanas (Calvo 1994b).

A **perturbação nos locais de nidificação** devido à presença humana, (associada frequentemente a actividades recreativas) despoleta na maioria das vezes comportamentos de defesa da colónia com o levantamento das aves, provocando perdas energéticas desnecessárias, diminuição dos cuidados parentais, aumento do risco de predação, e consequentemente a diminuição do sucesso reprodutor. Nas salinas, a pilhagem de ovos pode ser um risco não negligenciável.

A presença de **gado em elevadas densidades** nos locais de instalação da colónia pode ser prejudicial pelo perigo de pisoteio de ninhos ou crias. Contudo, um maneio adequado do encabeçamento pode ter efeitos positivos ao manter a vegetação baixa e ao aumentar a disponibilidade em invertebrados, associados aos excrementos.

Objectivos de Conservação:

Aumentar efectivos populacionais proporcionando o aumento do sucesso reprodutor nas actuais zonas de nidificação

Assegurar o habitat de reprodução e alimentação da espécie

Orientações de Gestão:

- Manter usos agrícolas extensivos;
- Incrementar a sustentabilidade económica das áreas de agricultura extensiva através da certificação de produtos;
- Minimizar as perturbações derivadas das actividades agrícolas nos locais de nidificação. Muitas localizações de colónias são constantes de ano para ano, pelo que é possível identificar locais prioritários para aplicação de medidas agrícolas sustentáveis, tais como:
 - Compatibilização espaço-temporal das actividades agrícolas com o período de nidificação e criação e, sempre que possível, manter em pousio o terreno ocupado pela colónia;
 - Restrição do uso de produtos fitossanitários, tendo em conta o Código de Boas Práticas Agrícolas, ou segundo os princípios da agricultura biológica.
 - Implementação de medidas financeiras de compensação dos prejuízos aos agricultores, recorrendo a financiamentos no âmbito da nova PAC;
- Conservar ou recuperar áreas de vegetação natural e reservas de águas (lagunas, esteiros, canais, arrozais) nos locais de nidificação em terrenos agrícolas, dada a importância destas zonas húmidas para a alimentação;
- Interditar a drenagem nas áreas de sapal, assegurando a manutenção de zonas potenciais de nidificação;
- Assegurar vigilância sobre locais reconhecidamente alvo de pilhagem de ovos;
- Restringir o livre acesso das áreas mais vulneráveis;
- Realizar acções de sensibilização dirigidas aos proprietários/usufrutuários, de modo a adequar o maneio do gado nos locais de instalação das colónias, onde o pastoreio deverá ser deslocado durante o período de nidificação ou mantido em baixas densidades;
- Monitorizar anualmente a instalação de colónias na Ria Formosa, onde ocorram situações de nidificação nos tanques secos de salinas abandonadas, por forma a evitar o seu alagamento nesse período.
- Realizar estudos de bio-ecologia, monitorização e conservação, dirigidos para:
 - monitorização das populações (especialmente de parâmetros de dinâmica populacional) para avaliação da tendência populacional, bem como da eficiência das ZPE na protecção da espécie;

- análise do impacto de alguns factores limitantes ainda não confirmados em Portugal, que afectam negativamente a população, nomeadamente a predação, a perturbação e o pisoteio por pastoreio em algumas colónias;
- identificação das colónias que carecem de protecção, devido a vulnerabilidade à perturbação humana.

Bibliografia:

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Calvo B, Mañez M & Alberto LJ (1993). The Collared Patincole *Glareola pratincola* in the National Park of Doñana, south west Spain. *Wader Study Group Bull.* **67**: 81-87.

Calvo B (1994a). Effects of agricultural land-use on the breeding of Collared pratincole *Glareola pratincola* in south-west Spain. *Biological Conservation* **70**: 77-83.

Calvo B (1994b). Medidas para conservar el hábitat de reproducción de la canastera.. *Quercus* **106**: 10-14.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Paleártico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Costa LT, Nunes M, Geraldés P & Costa H (eds.) (2003). *Zonas Importantes para as Aves em Portugal*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1983). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Waders to Gulls)*, Vol. III. Oxford University Press, Oxford.

Dolz C (1994). *Collared Pratincole* *Glareola pratincola*. In: *Birds in Europe: their conservation status*. Pp.248-249. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.

Farinha JC & Costa H (1999). *Guia de Campo das Aves Aquáticas de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Farrobo A & Leitão D (1997). A Perdiz-do-mar em Portugal. *Pardela - Boletim da Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves* **6**: 8-11.

ICN (em prep). *Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal*. Dados provisórios. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Não publicado.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Marti R & Del Moral J (eds) (2003). *Atlas de las Aves Reproductoras de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza / Sociedad Española de Ornitología, Madrid.

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental*. Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Sola LG, Garrido M & Alba E (1997). Canastera Común *Glareola pratincola*. Atlas de las Aves de España (1975 - 1995). Pp 184-185. Sociedad Española de Ornitología / BirdLife (ed.), Madrid.

IUCN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .

Wetlands International (2002). *Waterbird Population Estimates – Third Edition*. Wetlands International Global Series No. 12, Wageningen, The Netherlands